

APONTAMENTOS PARA A UTILIZAÇÃO DO FACEBOOK COMO FERRAMENTA ACADÊMICA NO CURSO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Juliano Ferreira do Carmo¹

Este artigo busca demonstrar a relevância de se utilizar o site de Rede Social Facebook dentro do Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia. Busca compreender como se dá a relação entre o ensino do Jornalismo, a pesquisa e a extensão, dialogando e buscando, através deste software social, dinamizar os processos educativos no campo da comunicação e suas interfaces com a cibercultura.

Para isso, recorre-se no campo da Cibercultura aos teóricos Pierre Lévy, Raquel Recuero, André Lemos. Além de documentos referentes ao Curso de Jornalismo em Multimeios compreendendo sua concepção de currículo enquanto curso multimeios e suas relações com as novas tecnologias da informação e comunicação, com a convergência midiática e a emergência do uso das redes sociais online, mais especificamente o Facebook enquanto ferramenta acadêmica, objeto deste artigo.

Utilizou-se também da pesquisa empírica para comprovar a eficiência destes mecanismos de aprendizagem, através da utilização de Grupos experimentais no Facebook, ligados a determinadas disciplinas, projetos de pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Jornalismo em Multimeios, Cibercultura, Facebook, Educomunicação, Convergência Midiática.

O presente trabalho é resultado de reflexões produzidas nas Disciplinas Temas Especiais em Jornalismo, ministrada pelo Professor José Menezes e Tecnologias da Comunicação, Informação e Sociedade, ministrada pelo Professor Josemar Martins no semestre 2011.1 do Curso de Comunicação Social, Jornalismo em Multimeios do Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Campus III em Juazeiro.

Procura-se discutir através de reflexões teóricas sobre a utilização dos sites de redes sociais como ferramentas que auxiliem na prática a discussão e a aproximação

¹ Graduando do 5º período de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia, Campus III, Juazeiro.

entre docentes e discentes dentro do Curso de Jornalismo da referida instituição, focando especificamente o Facebook como um produto otimizador na relação ensino-aprendizagem, haja vista sua grande aceitação, seu exponencial crescimento no Brasil, suas ferramentas de interação intuitivas e com grau de usabilidade satisfatório e as possibilidades de ao mesmo tempo ampliar as discussões, delimitando e aprofundando as temáticas, através da possibilidade de criação de grupos específicos dentro deste site de rede social.

No campo da apropriação teórica, Recuero (2009) vai explicar as diferenças na nomenclatura entre rede social e site de rede social. A autora apresenta as redes sociais como sendo a aplicação da metáfora da rede para os grupos sociais. Neste sentido, os atores, constituem os nós e os laços sociais, as conexões. E o site de rede social tendo em sua natureza o foco na publicização da rede social dos atores. Estes sites podem ser, de acordo com Recuero (2009), fruto de uma apropriação de sistemas não originalmente designados para isso, a exemplo do fotolog e dos blogs ou podem ter nascido já com esta natureza, como o Orkut e o Facebook.

Sendo assim, “os sites de redes sociais seriam uma categoria do grupo de softwares sociais, que seriam softwares com aplicação direta para a comunicação mediada por computador” (RECUERO, 2009, p.102).

Como o objeto deste artigo é buscar a apropriação das ferramentas do site de rede social Facebook no campo do Curso de Jornalismo em Multimeios, serão feitas considerações acerca de o que é esta ferramenta e sobre o seu uso no curso de Jornalismo em Multimeios no Campus III da UNEB e como este pretende dialogar com as novas mídias digitais, dentro do grande leque de possibilidades que se delineia nas novas configurações do campo do Jornalismo.

Lançado em 2004 nos Estados Unidos por Mark Zuckerberg enquanto estudava na Universidade de Harvard, o Facebook (originalmente thefacebook), foi concebido para focar em alunos que estavam saindo do ensino secundário (High School, nos Estados Unidos). Como aponta Recuero (2009) a ferramenta propunha criar uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um estudante universitário, que é o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, representando na maioria das vezes, a mudança de cidade e um espectro novo de relações sociais. No entanto, o sistema inicialmente era fechado e para entrar nele era necessário ser membro de uma das instituições reconhecidas já que o foco era escolas, colégios e universidades.

O Facebook funciona através de perfis e grupos. Em cada perfil existe a possibilidade de agregar módulos de aplicativos como jogos e ferramentas diversas. É na pergunta “No que você está pensando agora?” que está fundamentado a experiência da utilização deste site. É dentro do mural que cada ator publicará suas experiências através de textos curtos, textos longos através da criação de notas, já que para publicar diretamente no mural, a publicação não pode exceder 500 caracteres, hiperlinks para blogs, sites, vídeos, fotografias, áudio, dentre outros.

Tendo uma limitação de 5.000 contatos, a experiência do Facebook permite dialogar para uma audiência considerável, e instantaneamente receber um feedback através do botão “curtir”, do novo botão externo “Eu não gosto disso”, um aplicativo que precisa ser ‘baixado’, o botão “comentar” e até mesmo “compartilhar”, outras publicações em seu mural.

Lemos e Lévy (2010) vão dizer que estas experiências nas Comunidades e Redes Sociais on-line é uma nova maneira de fazer sociedade, e que uma comunidade virtual é um grupo de pessoas que estão em relação por intermédio do ciberespaço. Isto se evidência nas comunidades do Orkut e nos grupos do Facebook, no entanto, focaremos neste último por ser parte do objeto de estudo.

Os grupos no Facebook, agregam pessoas, objetivos e interesses em comum, dentro deles são discutidos assuntos cujo interesse é afinado, fugindo do alto grau de dispersão provocado pela atualização ininterrupta da página inicial e do mural. Além da característica inerente ao Facebook que é a publicação de conteúdos multimídia no mural, os grupos permitem conversa simultânea entre seus membros, a inserção de documentos em sua página lateral, sendo esta ferramenta de utilidade prática considerável, já que, devido a sua dinamicidade, os conteúdos publicados no mural do grupo vai dando espaço a novas publicações, e os documentos possuem links fixos, podendo ser alterados e reconstruídos pelos membros do grupo, o que Lévy (1998) chama de Inteligência Coletiva.

O autor propõe que se pense, além do impacto das técnicas sobre a sociedade, em termos de projeto. Os novos meios de comunicação permitem aos grupos humanos pôr em comum seu saber e seu imaginário. Forma social inédita, o coletivo inteligente pode inventar uma 'democracia em tempo real', uma ética da hospitalidade, uma estética da invenção, uma economia das qualidades humanas. Lévy (2008) situa o projeto da inteligência coletiva em uma perspectiva antropológica de longa duração. Depois de ter seu ponto fundante na relação com o cosmos e na inserção no processo econômico, a

identidade das pessoas e o vínculo social poderiam expandir-se no intercâmbio de conhecimentos.

É nesta perspectiva que o Facebook abre portas e caminhos considerados viáveis para que ocorra o diálogo dentro do meio acadêmico, nas suas relações com a forma de se produzir numa perspectiva que transcenda a individualidade e seja feita de fato coletivamente.

Sendo assim, a constatação de que este diálogo entre o real e o virtual é um precedente do qual não se pode voltar, pretende-se tecer argumentações acerca do uso destes meios e plataformas no universo acadêmico.

Tecido este embasamento inicial sobre o Facebook, é necessário compreender como se deu a implantação do Curso de Jornalismo em Multimeios no Campus III da Universidade do Estado da Bahia e como está articulada sua proposta curricular dentre deste novo arranjo multimeios pelo qual passa o jornalismo, e como poderá ocorrer a inserção do Facebook como ferramenta de suporte aos projetos de pesquisa, extensão e ensino.

Em artigo publicado no Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ), Santos e Paiva (2009) vão argumentar que o Curso de Jornalismo em Multimeios oferece uma formação articulada na interface dos suportes tradicionais de jornalismo, os meios comunitários, educacionais e mediados pelas novas tecnologias.

Para a implantação deste curso foi formado uma comissão, fez-se uma pesquisa de campo com a comunidade para saber qual seria a demanda e discutiu-se, posteriormente, como se daria a concepção e o currículo de um curso de Jornalismo que ao mesmo tempo atendesse aos novos processos e rotinas da produção jornalística, agregando valor aos já consagrados princípios basilares que norteiam a profissão. Acerca desta discussão, Santos e Paiva (2009) dizem:

Outras questões que merecem destaque foram a anotação a respeito das referências ao campo da comunicação social que se encontram no âmago do sistema produtivo, nas rotinas das empresas produtoras e distribuidoras de bens simbólicos: jornais, revistas, emissoras de rádio, televisão; editoras de livros, empresas de assessorias de imprensa/comunicação e produtores de vídeo e o destaque para o avanço das novas tecnologias e sua identificação com os outros suportes e linguagens pertinentes ao campo hipermídia, como portais eletrônicos, base multimídia de dados (*cd-room*), rádio e televisão no formato *Word Wide Web* (WEB), *blogs*; e a emergência da telemática. Portanto, para atender a especificidade da habilitação Jornalismo em Multimeios e às Diretrizes Currículos à Comunicação Social, o projeto pedagógico do curso foi alicerçado na compreensão da relevância dos

processos de comunicação para o desenvolvimento humano, no comportamento crítico e ético perante a realidade e os processos de construção da mesma, mediados pelas novas tecnologias, priorizando-se na formação do profissional Jornalista em Multimeios integrar o domínio, em seu conteúdo e sua forma, das diversas tecnologias e linguagens do campo da comunicação, pertinentes ao jornalismo impresso, televisivo, radiofônico, hipermídia, às práticas educacionais e as instituídas pelos meios comunitários. (sic) (p.5).

Sendo assim, a ementa curricular deve estar em constante discussão, já que o curso pretende dialogar com todas estas interfaces, e dialogar com todos os elementos da cibercultura, mesmo que esta possua característica rizomáticas, não lineares e em aceleradas mudanças, o jornalismo e o curso de jornalismo em multimeios precisa acompanhar esta discussão, internalizar, compreender criticamente estes modelos de formação híbrida que já estão inseridos no cotidiano de estudantes e docentes, bastando para isso perceber que em sua maioria já possuem perfis nestes sites de redes sociais e nestas plataformas.

Utilizá-las a favor do curso e da formação humanística que se pretende, através da pesquisa, do ensino e da extensão devem partir de diálogos entre os docentes, principalmente aqueles cujas linhas de trabalho e cujas pesquisas direcionam-se para o aprofundamento e a discussão deste campo, internet, novas mídias, newsgames, jornalismo online e tecnologias da informação, comunicação e sociedade.

No entanto, disciplinas do campo teórico, ou que, a priori parecem não ter nenhuma relação com a emergência destes meios, podem utilizar destas plataformas como um canal permanente e efetivo de diálogo, de produção de conteúdo e de sentido no ciberespaço, através da criação de grupos, de perfis, de blogs, de compartilhamento de arquivos ministrados na aula.

Santos e Paiva (2009) ainda vão dizer que o jornalista não pode ser considerado como um compilador de dados e sim possuir capacidade de intervir nos processos de construção da realidade, mediado pelos meios de comunicação e pelas novas tecnologias. O jornalista seria então, um ator social capaz de interpretar a sociedade tecnológica que o circunda e teria capacidade de compreender criticamente os mecanismos envolvidos na produção, recepção das mensagens e seu impacto nos diversos setores da sociedade.

Sendo uma ferramenta recente, dinâmica, em constante transição e ainda em processo de construção, não se encontra, delimitado, de forma específica e formal, na proposta do Curso de Jornalismo em Multimeios um diálogo que dê conta deste aparato

tecnológico. No entanto, Santos e Paiva (2009), abordam de forma generalista o uso destes meios como elementos norteadores da prática jornalística.

Sendo assim, pretende-se esboçar aqui considerações do que pode vir a ser utilizado em sala de aula, em projetos de pesquisa e extensão do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, tendo como suporte o Facebook como ferramenta de trabalho. No entanto, não se pode utilizar a ferramenta como um fim, mas, tão somente como um meio de se atingir os objetivos pretendidos, que é dinamizar os fluxos de dados, informações, avisos, comunicados, discussões de cunho prático, teórico e formatação de novas experiências.

Então, esta relação multidisciplinar, onde todas as disciplinas devem, de certa forma, dialogar entre si, construindo uma unidade virtual coesa, cuja prática cotidiana dê conta deste esforço de assimilação das novas realidades que são apresentadas. Realidades que ainda estão por ser mapeadas e exploradas, sendo o meio acadêmico, ideal para esta discussão e experimentação, tendo em vista seu caráter pioneiro e sua natureza de produção de ciência.

No âmbito prático, já existe no Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios projetos embrionários em processo de construção dentro do Facebook e que pretendem dar conta desta convergência e desta sinergia entre a sala de aula e a pesquisa e o que deve ser a extensão desta relação que começa e termina dentro e fora dos muros da Universidade.

Neste sentido, o grupo Jornalismo e Cibercultura – UNEB² criado no dia 2 de agosto de 2011 busca discutir as interfaces entre o jornalismo e a cibercultura, possui 178 publicações até o dia 29 de agosto, sempre com conteúdos relacionados à temática. Como foi colocado anteriormente, os grupos do Facebook permitem a criação de documentos, construídos coletivamente.

A exemplo de como se dá essa interação no Grupo, foi postado em 25 de agosto, um comentário acompanhado de link: “Encontrei na Rede: Perfil do Jornalista na Cibercultura: Desafios do Webjornalismo”³. Além do artigo “O Jornalista da Cidade Ciborgue: Conexões de um ser desplugado” de Cecílio Bastos, egresso do Curso de Jornalismo da UNEB. Dentre tantas outras publicações pertinentes a temática ao qual o Grupo propõe discutir.

² <http://www.facebook.com/groups/jornalismoecibercultura/>

³ <http://revista.unibrazil.com.br/index.php/retdu/article/view/49>

Neste grupo específico há um levantamento referencial sobre a temática, publicação de artigos, além de compartilhamento de hiperlinks, vídeos, textos e demais materiais, sempre relacionados ao tema e com a efetiva participação dos membros. De natureza aberta, o grupo Jornalismo e Cibercultura possuem membros de outras Universidades e outros estados, trazendo para a prática o que Lemos e Lévy (2010) chama de desterritorialização. Para os autores, além das comunidades e redes sociais que buscam refletir as instituições e comunidades clássicas, grande parte dessas comunidades são, por natureza, desterritorializadas e reúnem pessoas que se interessam pelos mesmos temas, neste caso específico, o interesse comum por Jornalismo e Cibercultura.

Percebendo a necessidade de uma aproximação maior e a limitação de tempo, espaço físico e horário, o Projeto de Pesquisa História da Imprensa dos Profissionais do Pólo Juazeiro, BA e Pernambuco, PE, coordenado pela Professora Andréa Santos no Campus III da UNEB, também criou um grupo no Facebook denominado História da Imprensa em Juazeiro, BA e Petrolina, PE. De natureza fechada, o grupo reúne a professora-pesquisadora e os graduandos-pesquisadores e objetiva ser uma extensão das reuniões presenciais da equipe. Enquanto o grupo de Jornalismo e Cibercultura – UNEB permite a entrada de novos membros, o de História da Imprensa é restrito apenas aos participantes.

No campo do ensino, experiência semelhante foi feita com a Disciplina de Radiojornalismo, como foi percebido que os estudantes tinham grande dificuldade de utilizar o Ambiente Virtual de Aprendizagem da Universidade e assim ficar privados de fazer download dos materiais da disciplina e ver os avisos e as discussões, foi criado o grupo no Facebook Radiojornalismo – UNEB que reúne os estudantes matriculados na disciplina e estes por sua vez, trocam informações e quem consegue acesso ao AVA retransmite estas mesmas informações via grupo do Facebook, já que a grande maioria dos estudantes e professores estão nesta plataforma.

O projeto Perfil Fotoetnográfico das Comunidades Quilombolas do Submédio do São Francisco - Identidades em Movimento, coordenado pela Professora Márcia Guena também possui um grupo experimental e fechado dentro do Facebook. Denominado Quilombos e Fotoetnografia, o grupo agrega a coordenadora e os estudantes com o mesmo objetivo exposto acima, discutir o projeto, publicar materiais adicionais e estender as reuniões presenciais para o meio virtual.

Diante do exposto, percebe-se que emerge do Curso de Jornalismo em Multimeios, a percepção de que explorar os ambientes virtuais, os sites de mídias e redes sociais, especificamente o Facebook, pode, potencialmente, provocar um ambiente acadêmico mais inovador, mais interativo.

Estas experiências embrionárias e isoladas precisam ser discutidas constantemente, ser anexadas a ementa de curso e disciplinas, produzindo um fluxograma virtual onde todas as disciplinas conversariam, transcendendo o fluxograma físico, aquele cujas atividades são desenvolvidas presencialmente.

Lemos e Lévy (2010) vão dizer que nos ambientes do ciberespaço, as proximidades não desapareceram, elas são redesenhadas como uma classe importante de proximidades semânticas, ao mesmo título que a língua, a disciplina, a orientação política, sexual, etc.

Então, de acordo com o pensamento dos autores e pensando de forma análoga, os grupos do Facebook, são definidos por interesses comuns, aqui, o Curso de Jornalismo em Multimeios, produzindo conteúdo dentro do que os autores chamaram de proximidade semântica, o efetivo interesse de um grupo pela mesma temática.

Para defender a utilização desta ferramenta tecnológica, o Facebook, como aparato acadêmico, busca-se bases no pensamento de Lemos (2002), precursor em estudos de Cibercultura no Brasil, onde ele acentua que:

A dinâmica da sociedade contemporânea nos obriga a buscar outras perspectivas para pensarmos o fenômeno tecnológico contemporâneo. A vida vem sempre lutar contra a cristalização mortal e moral das formas, contra as fortalezas solidamente organizadas. A tecnologia não é, e nunca foi, imune às desorganizações da vida. Esta está sempre tentando achar uma passagem pequena, um defeito minúsculo, para poder expandir-se. (2002, p.262)

É notório que os movimentos informais avançam muito mais rapidamente do que as estruturas formais, como a máquina do estado. Neste sentido, o que o autor propõe é que uma luta no campo das idéias seja travada contra as fortalezas solidamente organizadas, entendendo aqui por fortaleza, como as instituições cujos paradigmas já se encontram construídos não havendo espaços relevantes para processos criativos e inovadores.

Pensar o Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia dialogando no Facebook em uma rede complexa de grupos, ferramentas, interações inter e multidisciplinares é uma tarefa que requer planejamento, discussão,

experimentação de modelos e formatos de trabalho e sua utilização e relevância prática no âmbito acadêmico, já defendido aqui com experiências positivas.

Uma inserção que discuta teoricamente os multimeios em sites de redes sociais é necessária dentro do Projeto Pedagógico do Curso, avançando ainda mais o já pioneiro projeto de se construir um Curso de Jornalismo de natureza única no país. Deve-se buscar avançar no campo das experimentações jornalísticas, utilizando projetos extensionistas como a webtv, os produtos radiofônicos, os sites e blogs, como modelos que mesmo com suas limitações, produzem material de qualidade no Curso.

Ainda acerca do profissional egresso que o Curso de Jornalismo em Multimeios deseja formar, Santos e Paiva (2009) afirmam:

Face ao exposto, o Jornalista em Multimeios deverá ter capacitação técnica de criar, produzir, distribuir, recepcionar e analisar criticamente os multimeios, primando pela contextualização no jornalismo. Especificamente, houve uma preocupação em formatar um currículo que possibilitasse ao egresso desenvolver uma postura crítica e ética para refletir sobre a variedade e mutabilidade de demandas sociais. Na prática profissional, o egresso deve guiar-se com uma conduta cidadã, com um ponto de vista ético-político sobre o exercício do poder na comunicação e suas repercussões sociais.

Portanto, ao pensar um profissional que estude e chegue ao mercado completo, é preciso ainda considerar, além do que foi exposto acima, que este egresso tenha capacidade técnica de compreender e assimilar os fenômenos das Tecnologias da Informação e Comunicação no ambiente acadêmico e no ambiente profissional, para que este dê conta das demandas que não param de surgir em uma sociedade transitória e que exige cada dia mais qualificação técnica e humanística.

O que se propõe aqui, não é algo estanque, formatado, pronto, é uma provocação ao meio docente para que estes possam discutir com seus alunos e seus pares, questões complexas do universo acadêmico, como este modelo híbrido de fluxograma, que transita entre o presencial e o virtual.

Embora haja um entusiasmo no meio acadêmico acerca da apropriação e da utilização dos sites de mídias e redes sociais no ambiente acadêmico, a discussão teórica da utilização dessas ferramentas esbarra em uma questão prática e burocrática dentro da Universidade do Estado da Bahia. O sistema de funcionamento da Universidade é Multicampia, são 29 departamentos, em 24 campus. O acesso a internet em todos eles se dá através de login e senha específicos e individuais, estudantes e professores não tem acesso aos sites de Redes e Mídias sociais, a Unidade de Desenvolvimento Organizacional, UDO, instância da Universidade ao qual a Gerência de Informática, Gerinf, está subordinada, alega que se o acesso for liberado provocaria um

congestionamento na rede, já que a largura de banda não dá conta de toda a demanda acadêmica, na capital e no interior da Bahia.

Sendo assim, optou-se por bloquear sites que são de fundamental importância para a natureza do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios. Plataformas como Orkut, Facebook, Twitter, Youtube, Flickr, utilizadas em projetos de pesquisa e extensão, dentre outros sites são bloqueados. Evidencia-se então, a necessidade urgente de se encontrar soluções para este entrave burocrático e de gestão face às demandas recorrentes do Curso de Jornalismo em Múltiplos Meios e demais cursos, cuja natureza específica, necessita utilizar as plataformas bloqueadas.

Neste sentido um diálogo já está ocorrendo no Departamento de Ciências Humanas, buscando resolver legalmente a questão do acesso a internet, já que esta é ofertada pela Oi/Telemar em contrato com o estado feito através de decreto-lei.

Compreender os fenômenos sociais, os avanços de linguagem, de suportes, e técnicos é um desafio que se impõe para professores e até mesmo para estudantes. Já que, embora todos tenham nascido já dentro de uma cultura digital, a internet ainda se apresenta como um meio ignorado por muitos, os excluídos tecnologicamente, aumentando o grau de analfabetismo digital.

Para amenizar esta situação, propõe-se que seja discutido estes modelos comunicacionais e estas ferramentas e sua utilização dentro da Universidade. A fusão e a convergência dos meios tradicionais com os novos meios ocorra de forma gradual e dentro de um parâmetro de continuidade dentro da academia, pois como Lemos (2002), enfatiza:

A imprensa, o rádio e a televisão nos entregam diariamente notícias dessa frente cibernética (internet, celulares, pagers, PDA, CD-Rom, realidade virtual, etc.), como um reflexo dessa sociedade que se torna, cada vez mais, impactada e transformada pela simulação, pela comunicação em rede e pelas micromáquinas que colonizam nosso cotidiano. (2002, p.259).

Crianças já nascem dentro deste universo paralelo ao desenvolvimento da linguagem, já aprendem a manusear equipamentos tecnológicos, computadores, internet. Escolas e Universidades apontam cada vez mais para a educação a distância e os indivíduos, mesmo aqueles que nasceram na década de 1970 até os dias atuais já estão conectados. Não há como fugir do que o autor chama de colonização do nosso cotidiano. Como então trabalhar criticamente esta revolução tecnológica? É preciso, sobretudo, que a discussão seja parte do cotidiano, a imersão nas plataformas

tecnológicas de forma alienada produz indivíduos idiotizados. Como enxergar em perspectiva os potenciais avanços de uma educação em rede, capilarizada, dialógica e que permite estes nexos e desdobramentos dialógicos entre jornalismo, facebook e o ensino da comunicação.

O homem é um indivíduo comunicativo, pois, comunicar faz parte de sua essência, de sua natureza. As redes sociais on-line pode aproximar universos distantes, pode otimizar os processos de fluxos de informação dentro mesmo da academia, estas infovias, bem delimitadas produzem uma revolução no modo de construção de sentidos.

O professor-pesquisador precisa responder a este modelo que se constrói dentro e fora dos muros da universidade. Responder aos anseios da comunidade estudantil e buscar procurar desenvolver uma taxonomia desta quantidade exacerbada de fluxos de dados.

No artigo TIC, Educação, Promessa e Frustração, Martins (2011) demonstra como existe uma promessa no uso dessas Tecnologias da Informação e Comunicação aplicadas a Educação, mas que, no entanto elas não se cumprem, havendo assim, uma frustração no campo docente.

Embora não seja o objetivo principal deste artigo, o autor ainda tece considerações sobre o uso das TIC's na educação, exemplificando o mau uso, ou a não utilização das TV's Pendrive, projeto do Governo do Estado da Bahia, que munuiu as salas de aula de todo o estado com estes equipamentos, no entanto, não preparou os professores para a sua utilização como ferramenta que agregue valor na sala de aula. As TV's então ficam estagnadas, entrando rapidamente em processo de obsolescência, tornam-se sucata, já que o governo não os munuiu de elementos específicos, de formação adequada, tanto tecnológica, no uso desses equipamentos em sala de aula.

Diante de tudo que foi exposto, dialogar com os sites de redes e mídias sociais, mais especificamente o Facebook, é inevitável, a plataforma já se disseminou, e a cada dia novas pessoas aderem a ela. É um caminho sem volta, a grande questão é descobrir como o universo acadêmico pretende dialogar com essas interface que emergem da cibercultura.

Conceber processos, metodologias e procedimentos que formem o professor para o uso destas tecnologias, além de ao ser formado o professor inserir estas ferramentas em seus planos de aula, projetos de pesquisa e de extensão. É necessária uma mudança de mentalidade, afastar-se do modelo linha de produção, ao qual as salas de aula foram estigmatizadas por tanto tempo, e produzir um diálogo rico e fecundo no

campos da TIC's e seu uso adequado, de modo que, estudantes, professores e comunidade interna e externa sintam-se contemplada neste universo mágico que são as questões propostas na cibercultura, bem como, possuir um conhecimento e analisar estes meios e ferramentas de modo crítico, para que este admirável mundo novo, parafraseando Aldous Huxley, não se transforme em frustração, mas uma verdadeira realidade presentificada no campo das idéias, nos debates produzidos pela Universidade do Estado da Bahia, acerca destas relações entre Ensino da Comunicação, desafios dos profissionais de jornalismo e as novas formações de identidade que emergem da cibercultura.

Referências

LEMOS, André. Cibercultura. **Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre. Sulina, 2ª ed. 2004

LEMOS, André e LÉVY, Pierre. **O Futuro da Internet. Em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo. Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**. São Paulo: ed. Loyola, 1998.

SANTOS, Andréa Cristiana e PAIVA, Carla Conceição da Silva. **Jornalista em Multimeios: A experiência do Curso de Comunicação Social da Universidade do Estado da Bahia**. Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, 2009. Disponível em <<http://www.fnj.org.br/soac/ocs/viewpaper.php?id=589&cf=18>> Acesso em: 29 ago. 2011

MARTINS, Josemar da Silva. **TIC, Educação, promessa e frustração**. VII Conferência de TIC na Educação – Challenge 2011 – Braga, Portugal: Uminho, 12 e 13/05/2011

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre. Sulina, 2009